

O MOVIMENTO SINDICAL DOS ESTIVADORES DE ITAJAÍ: DA SOCIEDADE BENEFICENTE XV DE NOVEMBRO AO PERÍODO DO NOVO SINDICALISMO BRASILEIRO¹

Jefferson Augusto Guimarães de Farias²

Guillermo Alfredo Johnson³

Sumário

Introdução. 1 Primeiras décadas do século XX: as primeiras experiências do operariado portuário itajaiense. 2 Os anos 30: a década vermelha. 3 Dos anos 50 ao Novo Sindicalismo: da horizontalização das lutas à manutenção do corporativismo sindical. Considerações finais. Referências das fontes citadas.

Resumo

As entidades sindicais da orla portuária enfrentam atualmente dificuldades associativas e de identidade que têm prejudicado sua histórica independência e força. Em virtude das investidas do capital para controlar um dos últimos redutos em que o trabalhador não possui patrão, os sindicatos portuários e principalmente a estiva reduziram drasticamente sua participação histórica nas lutas mais gerais da sociedade para proteger as conquistas que lhes restaram. Como consequência deu-se o isolamento da categoria e sua abstenção do mais importante movimento de revisão do papel do trabalhador na sociedade brasileira: o Novo Sindicalismo.

Palavras Chave: Corporativismo. Trabalho. Novo Sindicalismo. Estivadores.

Resumen

Las entidades sindicales de la orla portuaria enfrentan actualmente dificultades asociativas e de identidad que les ha perjudicado su histórica independencia e fuerza. En virtud de las ofensivas del capital para controlar uno de los reductos en los cuales el trabajador no posee patrón, los sindicatos portuarios y,

1 O presente artigo tem por base o trabalho monográfico de conclusão do Curso de Ciência Política defendido em 29 de novembro de 2006.

2 Bacharel em Ciência Política.

3 Mestre e Doutor em Sociologia Política pela UFSC. Professor dos Cursos de Ciência Política e Ciências Sórias e do Mestrado Profissionalizante em Gestão de Políticas Públicas da UNIVALI.

principalmente, los estivadores han reducido drásticamente su participación histórica en las luchas más generales de la sociedad, buscando proteger las conquistas que les restaran. La consecuencia de esta actitud política conduzo al aislamiento de la categoría, siendo que su abstención más importante en la actualidad se manifiesta en el movimiento que buscó una revisión del papel de los trabajadores en la sociedad brasilera: el Nuevo Sindicalismo.

Palabras Clave: Corporativismo. Trabajo. Nuevo Sindicalismo. Estibadores.

Introdução

A importância do Sindicato dos Estivadores para a história do trabalho em Itajaí e no Brasil remete aos alvares do associativismo reivindicatório. Foi a primeira entidade sindical no estado de Santa Catarina a ter um negro como presidente; devido à convivência com vários povos através do porto teve a possibilidade de ter contato com as "idéias novas" vindas da Europa nos anos 10 e 20 como o socialismo e o comunismo. Finalmente, foi e continua sendo em grande maioria uma instituição formada por uma classe operária com uma cultura única, que os mantém unidos e coesos na luta diária contra a exploração do trabalho, a cultura operária "papa-siri", muito bem descrita pelo historiador radicado em Itajaí, José Bento Rosa da Silva, cuja obra que conta a história da formação desta cultura, "Estiva Papa-Siri⁴", é de fundamental importância para este artigo.

As relações do Sindicato dos Estivadores com a sociedade sempre inspiraram diversos sentimentos. A visão de pessoas brutas, ignorantes, analfabetas e vadias prosperou e existe em parte até os dias de hoje na mente daqueles que não conhecem a fundo a história desses trabalhadores, que têm sido fundamentais para o crescimento econômico, político e social da cidade. As lutas e as conquistas históricas e recentes do movimento sindical vindo do porto foram e continuam sendo diferenciais desta categoria com relação a outras entidades sindicais no estado e no país. E isto se deve à concepção compartilhada de coesão em torno dos problemas que envolvem a categoria.

4 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí. Itajaí: Ed. do autor, 2004.

Neste artigo são analisados alguns dos principais acontecimentos que marcaram a vida do Sindicato, partindo de sua fundação como Sociedade XV de Novembro.

A inquietação que inspira este estudo busca rever a história do sindicato a fim de buscar razões que expliquem sua atual apatia diante das mudanças que se operam no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, procuramos construir novos questionamentos sobre os rumos do sindicalismo portuário, que fora outrora um movimento de vanguarda e que hoje mantém um comportamento conservador com relação aos problemas de sua categoria e da sociedade como um todo.

Apesar das inúmeras dificuldades que o jogo político impõe, o sindicato conseguiu através dos anos defender com algum sucesso grande parte das conquistas obtidas por décadas de lutas. Entretanto, devido à mentalidade corporativista e familiar, tão típica dos trabalhadores da orla portuária em todo o Brasil, não foi capaz de inserir-se em um novo patamar de luta sindical.

1 Primeiras décadas do Século XX: as primeiras experiências do operariado portuário itajaense

O porto de Itajaí começou a ser construído no início do século passado, em 1905, por iniciativa do itajaense e então Ministro da Viação, Obras Públicas Transportes do Governo do presidente Rodrigues Alves, Lauro Müller. Teve obras de ampliação já na década de 20, contando com o apoio de outros políticos locais com influência no governo federal como Victor Konder.

A construção do porto foi de fundamental importância para a colonização do Vale do Itajaí desde o século XIX, mas adquire importância econômica e toma forma de instrumento político das famílias tradicionais da região no início do século XX, com o início do ciclo madeireiro⁵.

5 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí.

O crescimento acelerado da economia da cidade, gerada pelo porto e pela grande circulação de pessoas que desembarcavam dos veleiros e vapores com destino às colônias no interior do Vale, aliado à importância política da cidade e à sua estratégica posição geográfica, foram responsáveis pela decisão de muitos destes passageiros em ficar na cidade.

A cidade, pequena, abrigava o porto e, com ele, um considerável fluxo de pessoas e atividades comerciais, relativamente próximas da capital, ostentava o privilégio de ser centro administrativo de todo o Vale. A importância comercial do porto mobilizava os sujeitos ao redor do comércio informal e do mercado, havendo daí a evolução para atividades de exportação e importação [...].⁶

Deste modo, foi sendo povoada a cidade de Itajaí. Com grupos eminentemente comerciais sendo fundados na cidade, em outras regiões do país e até na Europa pelas famílias da própria região. Forma-se concomitantemente a isso um exército operário que efetivamente faria tudo isto funcionar, sendo que os trabalhadores da orla portuária são os pioneiros em associar-se.

A primazia do associativismo da classe operária itajaiense coube aos trabalhadores portuários. Foram eles sempre os mais reivindicantes, pois que formavam a grande maioria dos nossos trabalhadores urbanos e porque no porto as condições de trabalho eram sempre muito difíceis. Naqueles tempos também em Itajaí, patrões e feitores muitas vezes entendiam que a questão social era um caso de polícia.⁷

É fundada, portanto, em 1906 a Sociedade Beneficente XV de Novembro, que abrigava exclusivamente os trabalhadores portuários. Anteriormente a Sociedade Operária Beneficente Itajaiense, fundada em 1902, agregava trabalhadores de várias categorias.

6 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí. p..58

7 D'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1982. p. 70.

A Sociedade Beneficente XV de Novembro tinha, como outras entidades de trabalhadores portuários no Brasil, formando seu quadro de associados fundadores, escravos alforriados, ex-escravos e seus descendentes, assim como brancos pobres.⁸

É possível perceber que, enquanto o crescimento do porto estava aliado à iniciativa política de famílias influentes do Vale do Itajaí, os trabalhadores buscavam unir-se por laços de solidariedade.

O caráter beneficente e assistencial da XV de Novembro é similar a outras associações operárias que se difundiram no país ao longo das primeiras décadas do século XX⁹. A particularidade da XV de Novembro foi ser uma entidade que tinha como associados somente membros da categoria portuária, que incluía trabalhadores de praça, portos, cargas e descargas de navios.

Dentre as funções ligadas ao caráter assistencial da Sociedade XV de Novembro estavam: prover auxílio pecuniário aos associados quando enfermos ou inválidos e auxílio funeral aos sócios. As funções ligadas ao trabalho incluíam a regulação dos horários de trabalho e o estabelecimento de salários.

A sazonalidade dos serviços portuários na época e as dificuldades operacionais do porto, não permitindo que embarcações maiores atracassem no cais em virtude do pequeno calado, justificava a existência de caixas assistenciais nas épocas de pouco serviço.

O que chama a atenção no comportamento da Sociedade XV de Novembro em seus primeiros anos, apesar das dificuldades encontradas pelos portuários para sobreviver, é o constante tom de apelo dado aos anúncios da entidade. Entre as principais reivindicações estavam a reserva de mercado de mão-de-

8 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí

9 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí. COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira**: dilemas e desafios para a imaginação sociológica. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

obra pra os trabalhadores locais e associados a XV de Novembro e aumento de salários em virtude das altas constantes de preço de um modo geral.

As súplicas da Sociedade XV de Novembro eram publicadas nos jornais da época, como "O Pharol", "Novidades", "O Comércio", e "Itajahy".

Um apelo aos Srs. Patrões e feitores.

Os sócios da Sociedade Beneficente XV de Novembro, de acordo com sua diretoria, vem, perante os Srs. Patrões e feitores, suplicar respeitosamente que não aceitem, em seu serviço, trabalhador algum que não faça parte da referida associação.

Em se tratando de uma sociedade puramente humanitária como é a XV de Novembro, é de se esperar que os Srs. Patrões e feitores não ponham obstáculos em satisfazer tão justo pedido.¹⁰

O discurso bastante submisso denota um espírito de colaboração entre patrões e empregados. As manifestações grevistas de portuários fluminenses foram repudiadas em outro apelo por melhores salários publicado no jornal "O Pharol" em setembro de 1923¹¹.

A Sociedade adentrou os anos 20 tendo como principais diretrizes a preferência da negociação ao confronto. As súplicas, os apelos, os pedidos publicados em diversos jornais da cidade muitas vezes não resultaram nas mudanças almejadas. A precária situação econômica e conseqüente deterioração das condições de vida da classe trabalhadora, que dependia do porto, foi evidenciada em matérias nos jornais "A União" e "O Comércio", ambos de 1920. Os jornais preocupavam-se com a mendicância em torno do cais e das embarcações.

Em 1922 é fundada a Sociedade União Beneficente dos Estivadores, o que ocasionou a existência de mais de uma entidade de organização dos trabalhadores portuários. As funções da nova entidade eram muito similares

10 GAZETA DE ITAJAHY, 16/11/1913.

11 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí

àquelas presentes nos estatutos da XV de Novembro, com a diferença de que naquela vislumbrava-se somente os trabalhadores da estiva.

A presença das “novas idéias” vindas da Europa e Estados Unidos foi importantíssima para que houvesse uma mudança significativa entre os discursos da Sociedade União Beneficente dos Estivadores e da XV de Novembro.

Vários dos fundadores não só entraram em contato com as idéias socialistas, comunistas e anarquistas que tinham grande poder de absorção pelos trabalhadores da época, mas também participaram ativamente da proliferação destas ideologias. Joaquim Lopes Corrêa foi um destes ex-marinheiros que, devido a um acidente de trabalho, acabou por tornar-se trabalhador portuário.

Corrêa filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro em 1934 e participou da organização do primeiro Congresso Proletário em Santa Catarina, onde foi fundada a Liga dos Trabalhadores de Santa Catarina em Itajaí.¹²

Outro responsável por oferecer novas perspectivas aos trabalhadores da estiva através da disseminação de idéias de esquerda foi Dionísio Veiga.

Veiga, outro ex-marinheiro, conheceu vários países da Europa, da América e da África e foi presidente da Sociedade na década de 30, quando houve a transformação da Sociedade em Sindicato.

José Pereira Neto, o “Quengo”, foi um ícone de resistência quando usou de recursos próprios para formar um fundo de greve, durante as manifestações de 1935.

A fundação da Sociedade Beneficente dos Estivadores foi marcada pelas diferenças de comportamento diante das dificuldades do trabalho e da sociedade, com relação aos métodos da XV de Novembro. A atitude mais politizada e a falta de apoio e reconhecimento dos armadores e empresários

12 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí.

tornaram esta entidade singular e foi responsável por sua conversão em uma das congregações de trabalhadores mais importantes de Itajaí até os dias de hoje.

Os estatutos da entidade que congregava os estivadores da cidade continham idéias avançadas para as mentes ultra-conservadoras da sociedade itajaiense. A solidariedade de classe e seu caráter internacional de luta através da comemoração do 1º de maio demonstravam isto.

2 Os anos 30: a década vermelha

Os anos 30 são marcados por diversas mudanças institucionais no país, sendo o mais importante acontecimento político na época o advento do Estado Novo.

Na época também foram fundadas as primeiras organizações políticas de esquerda em Santa Catarina. Entre os principais movimentos de cunho operário baseados em idéias socialistas e comunistas estão o I Congresso Proletário de Santa Catarina realizado em Itajaí em 1934, a fundação do Partido Comunista em Santa Catarina em 1935 e a fundação da Liga dos Trabalhadores de Santa Catarina, que foi a primeira participação política eleitoral de um grupo comunista em conjunto com outras forças sindicais em Santa Catarina.¹³

Além destes importantes acontecimentos, a parte da sociedade simpática aos ideais de esquerda começou a se organizar de modo que pudesse compartilhar conhecimentos e opiniões sobre a realidade de Itajaí e do trabalho na cidade. A *Papelaria do Rangel* foi um destes lugares onde se centralizaram as conversas sobre as idéias socialistas e comunistas em Itajaí.

A participação dos trabalhadores nestes movimentos foi ampla e os estivadores, pela sua independência e força através do sindicato foram

13 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí.

importantíssimos para a implantação das idéias de esquerda entre a classe operária local.

A histórica força repressiva das autoridades de Itajaí e a caracterização dos movimentos sociais em “caso de polícia” integraram-se à cultura operária “papa-siri”, ocasionando grande adesão aos movimentos de esquerda que se iniciavam na cidade.

Os trabalhadores da região de Itajaí haviam apreendido com o esforço e a dedicação dos antepassados, tanto que realizam, em 1934, o primeiro Congresso Proletário de Santa Catarina, na cidade de Itajaí. Os estivadores discutiram em assembléia a participação da categoria no Congresso. A organização do congresso operário mobilizou os estivadores, tanto é que na assembléia do ano de 1934 foi novamente ponto de pauta, denotando a importância das organizações dos trabalhadores de Itajaí dentro do estado de Santa Catarina.¹⁴

A “década vermelha” segue com a deflagração de uma greve iniciada em 11 de novembro de 1934, sendo uma das maiores ocorridas no porto até então. O acontecimento foi noticiado exaustivamente nos jornais locais da época, tendo os mais variados reflexos na sociedade itajaiense.

As reivindicações da greve eram em virtude de um aumento de salários oferecido pelos armadores que estava muito abaixo do almejado pelos trabalhadores. A assembléia que decidiu pela greve teve a participação de 86 sócios do Sindicato dos Estivadores e de representantes de outras organizações sindicais, como o Sindicato dos Trapiches e Armazéns¹⁵. A solidariedade da classe trabalhadora fez-se presente quando a greve alastrou-se no porto de São Francisco do Sul.

A greve iniciada em 11 de novembro de 1934 durou até o dia 28 do mesmo mês, sendo o impasse solucionado por intervenção do governador Nereu Ramos.

14SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí.

15 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí.

Em 1937 a Sociedade foi oficialmente convertida em Sindicato União dos Operários Estivadores de Itajaí. A nova lei de Sindicalização do governo Vargas tornou ainda mais complexo o processo de escolha da nova diretoria. A presença de autoridades do Estado como o Capitão dos Portos e o Inspetor do Trabalho fazia parte das novas diretrizes.

O sindicalismo imposto pelo Estado varguista conclamava os trabalhadores para que se unissem em torno de uma luta pelo desenvolvimento econômico do país através da "ordem". A ligação orgânica entre sindicato e Estado iniciada no governo Vargas foi responsável pelo afastamento gradual de idéias julgadas como subversivas na época, como o socialismo e o comunismo.

A presença constante de "autoridades" nas instituições sindicais forçou o estreitamento do vínculo, juntamente como o hábil discurso populista do ditador e com inúmeros apoiadores do regime que se espalhavam pelos sindicatos do país em virtude das promessas do Estado Novo.

Vargas rogou aos brasileiros que celebrassem a dignidade do trabalho e os valores tradicionais. E aliciou a classe trabalhadora para permanecer ao seu lado: "ordem e trabalho", "sindicato e trabalho" [...] ao acompanhá-lo, garantia Vargas, os trabalhadores podiam estar certos de obterem emprego digno e salários justos, além de benefícios [...].¹⁶

A estratégia de aliar o Estado aos sindicatos iniciada no Estado Novo permitiu o controle sobre as ações e reivindicações dos trabalhadores. Prova disso são os números de greves deflagradas durante a primeira fase de Vargas, de 1930 a 1936 e após a implantação do regime autoritário do Estado Novo, de 1937 a 1944. De acordo com Noronha, de 1930 a 1936 foram relatadas 85 greves no país, contra apenas 5 no período de 1937 a 1945.¹⁷

16 LEVINE, Robert M. **Pai dos Pobres?:** o Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 92-93.

17 NORONHA, Eduardo G. Greves e estratégias sindicais no Brasil. In: OLIVEIRA, Carlos A. B. et al (org.). **O mundo do trabalho:** crise e mudança no final do século. São Paulo: Página Aberta, 1994.

Os relatos históricos sobre o sindicalismo portuário itajaiense durante os anos em que vigorou o Estado Novo demonstram que a nova legislação sindical, além de atrelar os sindicatos ao Estado, enfraqueceu o poder reivindicativo da categoria. Em um relato colhido por Silva, um velho estivador e militante comunista descreve sua percepção da época: “[...] houve tempos difíceis, em 1937 deu o Estado Novo do Getúlio, aí passou perigo, falta de trabalho, de navio [...] o salário baixou, não atendiam as reivindicações, essas coisas, né? Fazia o que ele queria (risos)”¹⁸

Com o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa em 1945 e da Era Vargas no ano anterior, uma nova realidade surge para os estivadores. A autonomia e os bons salários se comparados à média dos outros trabalhadores diferenciavam os operários do porto. A volta do regime democrático estimulou o retorno das organizações dos trabalhadores por melhores condições de vida.

3 Dos anos 50 ao Novo Sindicalismo: da horizontalização das lutas à manutenção do corporativismo sindical

Com o retorno da democracia os trabalhadores voltaram a gozar de maior liberdade associativa e as reivindicações pelos mais variados motivos retornaram à rotina dos estivadores e demais operários em Itajaí e no resto do Brasil.

As greves, que foram duramente reprimidas pelo Estado Novo são, novamente, a maior ferramenta de expressão das classes trabalhadoras. As paralisações, cujo número foi pífio na vigência do regime autoritário de Vargas totalizando apenas cinco, no período democrático de 1945 a 1964 passaram de 800.¹⁹

18 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí. p. 237.

19 NORONHA, Eduardo G. Greves e estratégias sindicais no Brasil. In: OLIVEIRA, Carlos A. B. et al (org.). **O mundo do trabalho**: crise e mudança no final do século. São Paulo: Página Aberta, 1994.

A horizontalização da organização sindical foi a tônica nos anos 50 e início dos anos 60 e caracterizou o período como um dos mais intensos em termos de movimentos reivindicativos dos trabalhadores até o “Novo Sindicalismo”.

Diversas intersindicais foram criadas no Brasil por diversas categorias, como a Comissão Intersindical contra a Assiduidade Integral, no Rio de Janeiro e o Pacto Intersindical dos Trabalhadores, que contou principalmente com lideranças de São Paulo.

Além das intersindicais reivindicativas, vários congressos foram organizados para discutir problemas econômicos que se abatiam sobre a classe trabalhadora na época²⁰. A organização dos eventos era liderada majoritariamente pelos PCB's de diversos estados. A decisão dos PC's em sair do paralelismo sindical e retornar aos sindicatos oficiais foi responsável pelo impulso que o movimento sindical obteve neste período.

Nesta época o segundo governo de Getúlio Vargas criou os primeiros dispositivos legais em favor do corporativismo dos sindicatos marítimos. Um destes dispositivos foi o decreto 3.079 de 19 de outubro de 1951, que legitimava a preferência para preenchimento de 50% das vagas dos sindicatos para parentes de associados. A remuneração dos sindicatos também era efetuada pelo Estado, através do Ministério do Trabalho, o que amarrava ainda mais os sindicatos portuários ao Estado.²¹

Os movimentos sindicais em Itajaí nesta época demonstram que houve uma tendência em seguir os passos dados por outras organizações sindicais do país no que concerne a horizontalização do movimento. O que comprova em parte esta hipótese é a criação de uma intersindical de cunho reivindicatório em 1958, que visava o fim da especulação sobre o preço da carne praticado

20 LOPES, Carmen L. E. **O que todo cidadão precisa saber sobre sindicatos no Brasil**. São Paulo: Global, 1986.

21 COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

principalmente pela “Casa Vitória”, importante mercado varejista de propriedade da família Sandri.²²

Militantes do PCB que faziam parte da vanguarda dos trabalhadores do movimento pela Intersindical, como José Adil de Lima, seguiam as tendências dos PC’s espalhados pelo Brasil. Esta preocupação em horizontalizar o movimento sindical reforçou a centralidade da estiva no movimento sindical itajaiense nas décadas de 50 e 60. Sobre a fundação da Intersindical e seu impacto sobre a vida da cidade, Adil de Lima em entrevista ao professor José Bento Rosa da Silva:

Nos anos 50 foi fundada uma associação dos sindicatos em Itajaí, dos sindicatos dos trabalhadores de Itajaí. Uma entidade que atendia as questões da saúde, abastecimento. Esta associação teve uma atividade muito intensa em Itajaí, chegou a modificar o contexto comercial da cidade. Fundaram uma entidade que fornecia alimentos a preço mais baixo, mais barato; e esta entidade tinha uma atividade política muito intensa também [...] com isso atraiu algumas forças contrárias. Tinha o...que existe até hoje, os Sandri [...] os sindicatos tinham uma força política muito grande na época (SILVA, 2004, p. 256).

A Intersindical também foi responsável pela venda de medicamentos a preço de custo, por conseguir leitos no Hospital Marieta Konder Bornhausen para trabalhadores que não pagavam previdência social, pelo estímulo ao ensino secundário para adultos pela atual UNIVALI entre outras ações.

Outro fruto das mobilizações operárias dos anos 50 foi o Congresso Estadual de Trabalhadores de Itajaí, que congregava a estiva, os arrumadores, os bancários, os securitários, os trabalhadores da construção civil, metalúrgicos, tecelões e outros.²³

22 SILVA, José B. R. da.. Trabalho e trabalhadores. In: LENZI, Rogério M. et al (org.). **Itajaí: outras histórias**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

23 SILVA, José B. R. da.. Trabalho e trabalhadores. In: LENZI, Rogério M. et al (org.). **Itajaí: outras histórias**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

Esta época marcou o que Silva chamou de *belle époque* para os trabalhadores sindicalizados da região de Itajaí. O prestígio das organizações sindicais era demonstrado, por uma lado, pelo apoio popular e por parte da imprensa e, por outro, pela desconfiança e desprezo das elites proprietárias dos meios-de-produção.

Com o início dos anos 60, as lutas continuam e a influência das idéias comunistas e socialistas ainda permeia as assembléias e demais movimentos dos estivadores itajaienses. Os trabalhadores tinham apoio de médicos, dentistas, setores progressistas da Igreja Católica e de demais profissionais liberais, quando a Intersindical ainda atuava, antes do golpe de 1964.

A grande politização do movimento era um reflexo do poder que os sindicatos tinham na época, graças à tradição, à união e à cultura sindical de modo geral, assim como a legislação também favorecia este comportamento do movimento. O fortalecimento dos sindicatos portuários frente aos empresários contrastava diretamente com a dependência destas entidades com relação ao Estado. Mas esta relação de dependência dava a legitimidade e o poder aos sindicatos de defender os interesses dos trabalhadores sem sofrer represálias.

24

Os anos 60 surgiam como o ápice de um movimento sindical portuário politizado, consciente do seu papel na vida econômica e política do país. A solidariedade com outras entidades e a atuação horizontal das Intersindicais enriqueciam o debate político e influenciavam a política nacional.

O contexto nacional do sindicalismo, a atuação aberta dos Partidos Comunistas, da Igreja progressista e do governo João Goulart, através das chamadas Reformas de Base, era totalmente favorável a uma nova organização do trabalho, na qual os sindicatos, apesar de atrelados ao Estado pela legislação, poderiam atuar como protagonistas políticos.

24 COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

Na década de 60, como integrante da vanguarda das lutas trabalhistas e políticas, o sindicalismo portuário assumiu um processo acentuado de politização e partidarização. [...] A politização do movimento sindical sobrepunha as bandeiras políticas – defesa da legalidade constitucional e do regime democrático – às questões estritamente sindicais, mas isso não autoriza interpretações acerca do distanciamento das entidades em relação às necessidades imediatas das categorias.²⁵

Revisitando os acontecimentos ligados ao mundo do trabalho em Itajaí nesta época e, mais especificamente, no caso dos estivadores, verifica-se a riqueza do movimento sindical na cidade e a justa alcunha de *belle époque*, dada por Silva.

A união com outros sindicatos em prol de reivindicações comuns através da intersindical, o constante contato com organizações laborais do Brasil e do exterior, as conexões com o PCB e com a ala progressista da Igreja centralizava as atenções sobre o Sindicato dos Estivadores. O constante movimento de solidarização com outras lutas dos trabalhadores portuários da região e de outros estados também caracterizou a época (SILVA, 2004).

Com o golpe militar no governo de João Goulart em 1964, a evolução do movimento sindical de Itajaí foi posta em xeque. Vários líderes sindicais, representantes de entidades ligadas ou não à orla portuária foram presos e torturados pelo regime.²⁶

As lideranças da Intersindical foram os primeiros alvos dos militares em Itajaí, e conseqüentemente o Sindicato dos Estivadores. O tenso momento político causou a diminuição do ritmo da operação no Porto de Itajaí em virtude de um movimento grevista em solidariedade aos portuários de São Francisco do Sul. O movimento iniciara-se em janeiro e se arrastou até abril de 1964.

25 COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira**: dilemas e desafios para a imaginação sociológica. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. p. 422).

26 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri**: mãos e pés do porto de Itajaí. SILVA, José B. R. da.. Trabalho e trabalhadores. In: LENZI, Rogério M. et al (org.). Itajaí: outras histórias. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.

Os estivadores de Itajaí eram alvos constantes de inspeções e revistas dos militares. Além disso, a perseguição dos soldados aos ditos “subversivos” tornou-se prática comum naqueles primeiros dias após o golpe.

O regime militar causou um esvaziamento do movimento sindical em todo o Brasil e, principalmente, naqueles mais politizados, como era o caso das categorias portuárias.

O golpe de 64 impõe dura repressão aos sindicatos da orla marítima, inclusive com intensificação da presença dos militares nas dependências portuárias. A existência da SUNAMAM (Superintendência da Marinha Mercante), encarregada de administrar a vida portuária, favorecia a atuação da Marinha no estreitamento do controle sobre o trabalho e sobre as entidades sindicais do setor. O desfecho deste processo foi o esvaziamento e a despolitização dos sindicatos [...] ²⁷

Vários casos de estivadores que deixaram o movimento sindical após a repressão, presos e torturados pelos militares como o ex-presidente do Sindicato dos Estivadores de Itajaí, o militante comunista José dos Santos Bernardes, o Zé do Urso, corroboram a leitura de Colbari (2001).

Ivo Castro, presidente da Federação Nacional dos Estivadores sintetiza as derrotas econômicas para a Estiva Brasileira com o golpe de 64:

[...] o governo da ‘revolução’ tirou todos os nossos direitos. Tudo o que tínhamos: 13º, férias, a produção...ele prejudicou mesmo a Estiva do Brasil, porque na época o presidente da Federação da Estiva era o secretário geral da CGT, Comando Geral dos Trabalhadores. Então os mais prejudicados foram os portuários do Brasil; os mais prejudicados com a ‘revolução’ ²⁸

27 COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.p. 422-423).

28 SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri: mãos e pés do porto de Itajaí**. p. 286.

Com o regime militar no controle dos sindicatos portuários em todo o Brasil e o esvaziamento do movimento, a estreita ligação das entidades sindicais com o Estado cobra seu preço. A legislação corporativista existente e as novas leis e decretos outorgados pelo governo militar isolam ainda mais os portuários. Isto praticamente os exclui da renovação sindical iniciada no ABC paulista e da construção das centrais sindicais durante os anos 70 e 80.

A politização e as tendências comunistas presentes nas categorias portuárias que floresceram nos anos 50 e 60 perdem força ou até desaparecem em alguns casos. A defesa dos interesses de classe sobrepõe-se à luta política por mudanças no contexto da sociedade como um todo. A vanguarda e a integração dos sindicatos portuários com outras entidades fora do âmbito da orla marítima, verificada anteriormente, é substituída pela postura retraída do movimento e o conseqüente isolamento.

O desenvolvimento de uma cultura sindical combativa e politizada, assentada sobre uma sólida base socialista/comunista, gestada por quase duas décadas, acaba rapidamente pela preferência de muitas entidades sindicais em manter os direitos trabalhistas que ainda não tinham sido cooptados pelo regime. A visão corporativa e o instinto de auto-proteção das categorias portuárias, vistas como uma elite dentre os trabalhadores, sobressai-se à luta pela democracia e pela constitucionalidade que formavam o cerne do sindicalismo populista dos anos 50 e 60.

A chegada dos anos 70 iniciou a era do Brasil do "milagre econômico", do "ame-o ou deixe-o". Mas também trouxe uma grave crise político-institucional causada por mais uma crise internacional do regime de acumulação capitalista. Foi o estopim para o início da renovação sindical que formou o mais importante conjunto de ações com origem nos trabalhadores na história recente do Brasil. A formação das centrais sindicais contou com a maciça participação de metalúrgicos, bancários, professores, operários da construção civil, comerciários, trabalhadores rurais entre outros. A participação dos portuários foi discreta demais levando em consideração a história e a importância deste segmento na economia e na vida do país.

Os ideais semeados durante décadas não deram origem a um sindicalismo independente e consciente do seu papel transformador da sociedade. As dificuldades em sair do velho corporativismo, ou até mesmo, a existência da intenção em fazê-lo são fatores relevantes deste comportamento.

É fato que durante os primeiros movimentos dos sindicatos do ABC paulista que rumavam para a formação das primeiras centrais sindicais, foi verificada a presença de alguns setores portuários, como constata Comin (1994). Mas a estreita ligação destes setores com os PC's e com o PTB, detentores de forte vínculo com o sindicalismo varguista e com a CGT pré-64, afastou-os gradativamente dos primeiros diálogos entre lideranças sindicais que ocorriam no fim da década de 70.

O isolamento dos portuários das outras categorias e sua postura corporativista fez-se presente por todo o período do Novo Sindicalismo. E esta postura justifica qual seria sua posição frente às mudanças que estavam ocorrendo no movimento sindical na época. A defesa dos direitos e vantagens obtidas em virtude de sua postura corporativa e atrelada ao Estado tornou-se o único interesse digno de lutas, greves e protestos. As categorias portuárias abdicaram de mudanças profundas no sindicalismo brasileiro e na sociedade, porque estas mudanças simplesmente não as interessavam.²⁹

De acordo com informações obtidas nos endereços eletrônicos das principais centrais sindicais brasileiras e demais movimentos surgidos no Novo Sindicalismo, o Sindicato dos Estivadores de Itajaí não está vinculada a nenhum deles Esta informação foi confirmada pelo professor José Bento em novembro deste ano. A postura corporativista pelega permanece até hoje. Prova disto é a existência de chapa única para a diretoria do Sindicato dos Estivadores pela terceira vez consecutiva neste ano.

Considerações finais

29 COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira: dilemas e desafios para a imaginação sociológica**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

A trajetória do Sindicato dos Estivadores de Itajaí, desde sua fundação em 1906 como Sociedade Beneficente XV de Novembro até a época do Novo Sindicalismo é marcada por um lado por períodos de extrema submissão aos armadores, devido em parte ao caráter beneficente da entidade, e por outro, por uma intensa atividade política que denota a *belle époque* do movimento sindical portuário em Itajaí. Também caracteriza-se pelo corporativismo ímpar e pela força que este aspecto oferece às categorias portuárias até os dias de hoje.

A combatividade da estiva sempre existiu. Seja por melhorias nas condições de vida, seja na luta política, o Sindicato sempre se colocou como defensor dos interesses dos seus associados. Num espaço muito pequeno da história, porém, esta luta expandiu-se para defender os interesses da sociedade itajaiense. Dos anos 50 até o golpe de 1964, esta foi a principal característica do sindicalismo portuário de Itajaí e de praticamente todas as outras organizações sindicais da cidade, desde bancários até contadores. Mas a ditadura aplicou um duro golpe ao sindicalismo chamado de populista desta época.

O esvaziamento dos sindicatos e a busca pela manutenção dos direitos adquiridos não só pelas lutas, mas também pela íntima ligação com o poder desde o período anterior à Era Vargas, foi suficiente para congelar o Sindicato dos Estivadores no patamar em que se encontrava antes da 2ª Guerra Mundial.

O sindicalismo corporativista – fechado e defensivo – com uma estrutura altamente dependente do Estado na forma do imposto sindical e outras taxas, estabeleceu a postura da estiva até os dias de hoje. Mesmo com a renovação do movimento sindical brasileiro no fim dos anos 70, os sindicatos portuários não conseguiram ou não quiseram sair da posição em que se encontravam para marchar conjuntamente com representantes das maiores categorias proletárias do país no rumo de um sindicalismo independente, que não se apoiasse no Estado e que priorizasse as lutas pela base.

Prova disto é que o Sindicato dos Estivadores não se vinculou a nenhuma das centrais sindicais surgidas no Novo Sindicalismo, mantendo-se à distância deste importante movimento e, conseqüentemente, das lutas do proletariado como um todo pela democracia, pela justiça social e pelo fim da carestia que caracterizaram o início dos anos 80.

As conseqüências desta postura retraída e defensiva do Sindicato dos Estivadores de Itajaí, assim como de outras entidades sindicais da orla portuária em âmbito local e nacional, são a falta de apoio e solidariedade de outros trabalhadores com as causas dos trabalhadores portuários e o estigma de que estes seriam uma "elite privilegiada" dentro do universo do trabalho.

Apesar de uma certa dificuldade em conseguir dados sobre determinados períodos da vida sindical da estiva itajaiense, é fundamental esclarecer que o aprofundamento destas questões é importante. O sindicalismo itajaiense ainda é obscuro em trabalhos científicos. A vida do trabalhador local é pouquíssimo explorada pela Ciência Política e pelas Ciências Sociais. A realidade do trabalho em Itajaí e no Brasil mereceria mais destaque, pois passa por problemas graves de identidade e combatividade e isso abre as portas para a exploração do trabalhador e para a sua cooptação por um sistema excludente e que trata dia a dia de anular a importância do trabalho para sua própria sobrevivência.

Referências das fontes citadas

COLBARI, Antônia. Confronto e negociação: a tradição e o corporativismo moldando a resistência sindical portuária às mudanças nas relações de trabalho. *In: SOBRAL, Fernanda A. da F. et al (org.). **A contemporaneidade brasileira**: dilemas e desafios para a imaginação sociológica.* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

COMIN, Álvaro A. A experiência de organização das centrais sindicais no Brasil. *In: OLIVEIRA, Carlos A. B. et al (org.). **O mundo do trabalho**: crise e mudança no final do século.* São Paulo: Página Aberta, 1994.

D'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí.** Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.

GAZETA DE ITAJAÍ, 16/11/1913.

FARIAS, Jefferson Augusto Guimarães de; JOHNSON, Guillermo Alfredo. O movimento sindical dos estivadores de Itajaí: da sociedade beneficente XV de novembro ao período do novo sindicalismo brasileiro. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Itajaí, v.2, n.1, 1º quadrimestre de 2007. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

LEVINE, Robert M. **Pai dos Pobres?:** o Brasil e a Era Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOPES, Carmen L. E. **O que todo cidadão precisa saber sobre sindicatos no Brasil.** São Paulo: Global, 1986.

NORONHA, Eduardo G. Greves e estratégias sindicais no Brasil. *In:* OLIVEIRA, Carlos A. B. *et al* (org.). **O mundo do trabalho:** crise e mudança no final do século. São Paulo: Página Aberta, 1994.

SILVA, José B. R. da. **Estiva papa-siri:** mãos e pés do porto de Itajaí. Itajaí: Ed. do autor, 2004.

_____. Trabalho e trabalhadores. *In:* LENZI, Rogério M. *et al* (org.). **Itajaí:** outras histórias. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002.